



ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



ORGANIZADORES/AS
Maurício André da Silva
Eduardo Kazuo Tamanaha
Márjorie do Nascimento Lima



Filomena Maria Nunes da comunidade Boa Esperança,
RDS Amanã, convida para entrar e espíar.

Foto: Bruno Kelly, Instituto Mamirauá



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de
**Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação**



Márcia Perales Mendes Silva
Diretora-Presidente da
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



**Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá**

João Valsecchi do Amaral
Diretor Geral

Emiliano Esterici Ramalho
Diretor Técnico-Científico

Alexandre Pucci Hercos
Coordenador de Pesquisa

Eduardo Kazuo Tamanaha
Coordenador do Grupo de Pesquisa em
Arqueologia e Gestão do Patrimônio
Cultural na Amazônia



Universidade de São Paulo

Vahan Agopyan
Reitor

Antonio Carlos Hernandez
Vice-reitor

Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Paulo Antonio DeBlasis
Diretor

Eduardo Góes Neves
Vice Diretor

ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA

Ficha catalográfica

Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas: da terra para lousa / organizadores, Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha e Márjorie do Nascimento Lima. -- São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2021.

120 p. ; il. color.

ISBN: 978-65-993062-2-8

DOI: 10.11606/9786599306228

Obra financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

1. Arqueologia amazônica. 2. Comunidades Ribeirinhas. 3. Escavações arqueológicas – estudo e ensino. I. Silva, Maurício André da. II. Tamanaha, Eduardo Kazuo. III. Lima, Márjorie.

Elaborado por Mônica da Silva Amaral - CRB-8/7681

**Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.
Proibido qualquer uso para fins comerciais.**





ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá








Arqueóloga Luiza Vieira observa o fragmento de cerâmica
coletado, comunidade Ponta da Castanha, Flona Tefé.

Foto: Bernardo Oliveira, Instituto Mamirauá



SUMÁRIO

OLÁ PROFESSOR, PROFESSORA, TUDO BEM?

1.	Professor, professora, espia só! <i>Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha, Márjorie do Nascimento Lima (Organizadores)</i>	10
1.1	Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>	12

VOCÊ CONHECE A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA?

2.	Educação patrimonial nos caminhos do Lago Amanã <i>Maria Tereza Vieira Parente</i>	16
2.1	Arqueologia Amazônica <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>	19
2.2	Arqueologia do Médio Solimões <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>	21
2.3	Arqueologia da Confluência dos Rios Solimões-Amazonas e Negro - Contexto de Manaus <i>Carlos Augusto da Silva e Bruno Pastre Máximo</i>	23
2.4	O que a arqueologia tem a ver conosco <i>Maurício André da Silva</i>	26
2.5	As coisas que viram patrimônio. Importância da legislação Patrimonial <i>Carla Carneiro e Maurício André da Silva</i>	28
2.6	Colecionamento de coisas, de material arqueológico <i>Maurício André da Silva</i>	31
2.7	Como as pesquisas Arqueológicas são realizadas? <i>Carla Gibertoni Carneiro</i>	33
2.8	Pequeno roteiro na curta duração. Como se tornar arqueólogo/a na Amazônia <i>Márcio Amaral</i>	38
2.9	Caco de pote, pote de gente <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>	40
2.10	O que são as terras pretas? <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>	44
2.11	O tempo das coisas e como saber se é antigo ou recente? <i>Maurício André da Silva</i>	46
2.12	Histórias de índios: do passado ao presente, tudo parente <i>Patrícia Carvalho Rosa</i>	48

ARQUEOLOGIA COM AS COMUNIDADES DA RDS AMANÃ E DA FLONA TEFÉ

3.	Lembranças da borracha, do patrão e o momento das comunidades <i>Maurício André da Silva</i>	52
3.1	O território é a floresta, é o rio, é a Reserva <i>Caetano Franco</i>	54
3.2	O papel da arqueologia na área de Reservas <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>	56
3.3	Cartografias participativas <i>Caetano Franco</i>	58
3.4	Manejo de fauna em defesa da Sociobiodiversidade: Experiências da pesquisa sobre caça na região do Médio Solimões <i>Lisley Pereira Lemos</i>	60
3.5	Arqueologia e as plantas <i>Mariana Cassino</i>	62
3.6	Domesticação de plantas: a relação entre as pessoas e o piquiá <i>Rubana Palhares Alves</i>	66
3.7	É melhor lembrar ou esquecer? Arqueologia do Lago Tefé <i>Jaqueline Belletti e Kelly Brandão</i>	69
3.8	Arqueologia e as marcas dos muitos seres que habitam os lugares <i>Jaqueline Gomes</i>	72
3.9	Arqueologia da FLONA Tefé <i>Rafael Cardoso de Almeida Lopes</i>	75
3.10	Arqueologia e as práticas funerárias <i>Anne Rapp Py-Daniel</i>	78
3.11	Conservação Arqueológica - o Lago Amanã e a preservação do patrimônio <i>Silvia Cunha Lima</i>	82
3.12	Os estudos iconográficos na arqueologia <i>Erêndira Oliveira</i>	86

ALGUMAS DICAS PARA TRABALHAR A TEMÁTICA EM SALA DE AULA

4.	Orientações gerais para professores/as	96
4.1	Arqueologia, plantas, domesticação e o piquiá <i>Maurício André da Silva</i>	98
4.2	Arqueologia, cultura material e arte <i>Karina Nymara Brito Ribeiro</i>	100
4.3	Arqueologia e as práticas funerárias <i>Maurício André da Silva</i>	102
4.4	Preservação e conservação da cultura material <i>Karina Nymara Brito Ribeiro</i>	104
4.5	Introdução à arqueologia <i>Maurício André da Silva</i>	106

5. AGRADECIMENTOS	110
--------------------------	------------

6. CRÉDITOS	116
--------------------	------------

O QUE A ARQUEOLOGIA TEM A VER CONOSCO?

A arqueologia é uma área do conhecimento que busca compreender a história de longa duração dos grupos, ou seja, uma história muito antiga que extrapola nossos calendários usados no dia a dia. Atualmente a arqueologia estuda muitas coisas como vestígios cerâmicos (cacos, pedaço de algar, pedras), plantas, solos, paisagens, sepultamentos, entre outras evidências. O que une todos esses materiais é sempre a presença das mãos de pessoas, gente como a gente, que fizeram uma fogueira, por exemplo, comeram uma caça e depois descartaram os ossos, ou algumas árvores que plantaram perto de suas casas e modificaram a paisagem.

As pesquisas que são desenvolvidas na Amazônia têm contribuído para entender uma longa história indígena. Temos datas que remontam 12 mil anos de ocupação da floresta, ou seja, desde pelo menos 10 mil anos antes de Cristo, já se tinha a presença de gente. É difícil até imaginar, mas diferentes grupos estavam imprimindo suas marcas no meio ambiente e inventando diferentes estratégias para viver. Esses estudos nos ajudam a entender como as populações foram se desenvolvendo e criando outras formas de viver, que muitas vezes estão conectadas com o nosso modo de vida atual.

Quando uma pesquisa arqueológica é iniciada, muitas vezes as pessoas ficam admiradas com a maneira cuidadosa com que as escavações são realizadas, geralmente elas ocorrem no meio das comunidades. Também gostam de ver o movimento de coleta de todo tipo de material, como os cacos, pequenos pedaços de carvão, amostras de terra, entre muitos outros materiais. E porque fazemos isso? Para entender as pessoas e o seu modo de vida, esses materiais são como janelas que nos ajudam a interpretar e imaginar o que elas estavam fazendo, como estavam morando, se eram em grande ou em pequenas aldeias, o que estavam comendo, como estavam sepultando seus entes queridos, entre muitas outras questões. Para que fazer tudo

isso? Para tentar responder as perguntas que sempre nos acompanham, quem somos nós, de onde viemos e para onde vamos.

Fazer arqueologia é como entrar em uma casa que está fechada faz muito, muito tempo, e ao entrar vamos lendo cuidadosamente como as pessoas que ali moraram deixaram organizados seus objetos, como era o uso do espaço, onde dormiam, onde cozinhavam, etc. Dessa forma, podemos até imaginar quantas pessoas moravam ali, como era o uso dos cômodos da casa, como se alimentavam e quais as relações dessa casa, com as vizinhas e com a nossa vida hoje.



Crianças da comunidade Tauary conversam com a arqueóloga Anne Rapp Py-Daniel sobre a retirada das urnas para estudo, 2018.

Foto: Acervo Grupo de Arqueologia

O mais bonito da arqueologia é que ela possibilita levantar dados muitas vezes de grupos que não foram devidamente ouvidos e contemplados na história oficial, como o caso das populações indígenas, quilombolas, rurais, ribeirinhas, operárias, entre muitas outras. Sabe quando abrimos um livro didático de História e achamos que muitas daquelas informações não falam sobre nós? Grupos que de alguma forma foram silenciados por uma História que estava voltada para o registro dos feitos de uma elite dominante, branca, europeia e masculina. Durante muito tempo, não aprendemos nos livros didáticos que foram os portugueses que descobriram a América? Não lemos as histórias dos feitos dos grandes viajantes que passaram pela floresta Amazônica como o Francisco de Orellana? Mas se já existiam pessoas aqui, porque essas histórias são as que geralmente se contam?

Essa terra já estava descoberta, no caso ela foi invadida e suas populações, escravizadas, assassinadas e subjugadas a um modelo de vida europeu. Ao escavarmos um sítio arqueológico, vamos encontrando evidências dessas outras pessoas e desses outros modos de vida, que nos ajudam a refletir sobre o tempo presente, assim como almejar um futuro desejado.

Uma questão recorrente é qual o sentido da arqueologia para as pessoas do presente? Você que nos recebe em sua comunidade para pesquisarmos durante um mês pode se perguntar, qual o benefício que esse trabalho vai trazer para minha vida? Qual o papel dessa área do conhecimento para o dia a dia de centenas de comunidades que moram sobre áreas com vestígios arqueológicos? A pergunta não é fácil de responder, mas acreditamos que se nossa prática não estiver engajada com demandas locais, ela não faz sentido no mundo contemporâneo. A arqueologia pode ajudar a entender como populações do passado lidavam com o meio e por sua vez, contribuir para as práticas do presente. Quais dilemas, questões e perguntas a arqueologia poderia ajudar responder? Quais temas vocês gostariam que nossas pesquisas abordassem?

Nas Unidades de Conservação (UCs), como na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã e na Floresta Nacional Tefé, uma grande discussão é a presença de populações humanas nesses locais. O bicho ser humano é o que mais destrói o seu entorno, dessa forma podemos morar em um local sem destruir? Os dados arqueológicos mostram que pessoas sempre estiveram vivendo ali, logo nossa espécie em si não é uma ameaça ao meio, mas sim o nosso modo de vida atual moderno capitalista. Se os humanos estão na floresta Amazônica há pelo menos 12 mil anos,



Arqueólogo Maurício André da Silva conversa com as crianças da comunidade Taury na Escola Criança Esperança.

Foto: Acervo Grupo de Arqueologia

porque somente nas últimas décadas do século XX se intensificou um processo de desmatamento e destruição do meio? Quais são os interesses que movem essa destruição? Quem lucra com esse processo?

E o que a arqueologia tem a ver conosco? Tudo, pois nos ajuda a entender que nossa forma de lidar com a vida é diversa. Mesmo sendo iguais como membros de uma mesma espécie e com as mesmas capacidades cognitivas, nós em cada canto do mundo, fomos inventando diferentes formas de viver. Isso mostra que o nosso modo de vida atual não é definitivo, estamos em constante mudança. A nossa única certeza é que somos mutáveis e criativos e podemos ser mais abertos para aprender com esses outros modos de vida e ser mais tolerantes com a diferença.

Da mesma forma pode ajudar as pessoas do presente a trilharem os passos e o legado dos antigos. Esses dados nos permitem contar outras histórias. O mais importante da arqueologia é isso, nos permite contar histórias, e elas podem mudar o mundo.